

Mulheres e migração internacional: vivências de agricultoras familiares de Itapuranga-GO

Women and international migration: experiences of family farmers of Itapuranga-GO

Flávia Sousa Oliveira

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Agronegócio (PPAGRO) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professora adjunta na Faculdade de Jussara/FAJ.
E-mail: flaviasousa-oliveira@hotmail.com

Resumo: A princípio os fluxos emigratórios de agricultores familiares de Itapuranga/GO para o exterior eram compostos basicamente por uma população masculina. Esse cenário trouxe impactos diretos e indiretos sobre a unidade familiar e também sobre as mulheres que permaneceram nas propriedades rurais. O objetivo principal deste artigo é analisar as migrações internacionais enquanto uma experiência vivida pelas mulheres rurais que permanecem no local de origem esperando pelos migrantes, buscando compreender os reflexos que essas migrações ocasionam em suas vidas. A amostra da pesquisa é composta por mulheres mães, esposas e filhas, residentes na área rural do município de Itapuranga, cujos filhos, maridos e pais emigraram

Abstract: At first, the emigration flows of family farmers from Itapuranga / GO abroad were basically composed of a male population. This scenario had direct and indirect impacts on the family unit and also on the women who remained on the farms. The main objective of this paper is to analyze international migrations as an experience lived by rural women who stay in their place of origin waiting for migrants, seeking to understand the reflexes that these migrations cause in their lives. The research sample consists of women mothers, wives and daughters, living in the rural area of the municipality of Itapuranga, whose sons, husbands and fathers have emigrated or who have been absent due to international migration. Data were collected in March

ou que tenham vivido a ausência devido a migração internacional. Os dados foram coletados, em março de 2014, por meio de entrevistas com as famílias envolvidas nas migrações. Conclui-se que as migrações internacionais impactaram diretamente na vida das mulheres rurais de Itapuranga, que além do espaço doméstico passaram a ocupar também os espaços públicos, adquirindo novas funções para além dos cuidados com a casa e os filhos. Essas viram suas identidades e arranjos familiares sendo reconfigurados, tornando-se chefes de família, pai e mãe dos filhos (as), além de gestoras dos recursos financeiros da família.

Palavras-chave: Migração internacional. Agricultura familiar. Gênero.

2014 through interviews with families involved in migrations. It is concluded that international migrations had a direct impact on the lives of rural women in Itapuranga, who in addition to the domestic space began to occupy public spaces, acquiring new functions besides caring for the home and children. These saw their identities and family arrangements being reconfigured, becoming heads of household, father and mother of children, and manager of family financial resources.

Keywords: International migration. Family farming. Gender.

Introdução

As migrações em todos os tempos evocam diversas perspectivas analíticas. Os fatores motivacionais, a partida, a travessia, a chegada e o retorno constroem uma trajetória migratória que nos inquieta. Nos questionamos por que migram, quem migrou e o que mudou na vida daqueles que emigraram, mas também daqueles que aqui permaneceram. Estas perguntas, quando problematizadas a partir da migração enquanto uma experiência vivida pelas mulheres que ficam no meio rural, sugeriram (re) arranjos familiares e de gênero, quebra de laços familiares, nova divisão do trabalho e novas relações de gênero na família e na comunidade local. Esses processos e problemas que emergiram na sociedade de origem da migração são associados à ausência da figura masculina, tornando a questão de gênero nos processos migratórios um problema sociológico.

Itapuranga-Go há algumas décadas vivencia a migração internacional com fluxos que se direcionam, principalmente, para os Estados Unidos, França, Portugal, Espanha, Japão e Inglaterra. Segundo Oliveira (2015), os intensos fluxos migratórios fazem parte da história do município desde a sua ocupação até os dias atuais. Nas décadas de 1940 a 1960, a região atraiu muitos imigrantes, principalmente, pequenos agricultores mineiros que vieram em busca de um pedaço de terra para garantir melhores condições de vida para sua família, estimulados pelo processo de ocupação conhecido como “Marcha para o Oeste”. À medida que novas fronteiras foram se

abrindo, a região deixou de atrair imigrantes e tornou-se expulsora de mão de obra para outras cidades e estados. Tal fato se deu nas décadas de 1960 a 1980, período em que o movimento da população rural para o meio urbano de Itapuranga e em direção a Goiânia, Anápolis, Brasília, Pará e Mato Grosso foi bem intenso.

No entanto, na década de 1990 houve uma mudança na face dos processos migratórios de agricultores familiares do município de Itapuranga, levando a um direcionamento dessa emigração para além das fronteiras nacionais, o que gerou grandes impactos na cidade, nas famílias e na região nos últimos anos. Esse fluxo migratório internacional teve início no final do século XX, atingindo seu auge no início do século XXI (OLIVEIRA, 2015). Segundo os estudos de Sales (1992 e 1999), Martes (1999), Margolis (1994) e Assis (1999 e 2002) esse fluxo de brasileiros tornou-se uma questão relevante a partir do momento em que aquilo que era considerado apenas um movimento esporádico de brasileiros ganhou proporção demográfica significativa.

Neste contexto, Siqueira (2009), ao analisar as migrações internacionais em Governador Valadares/MG, identificou que inicialmente esses fluxos eram caracterizados por serem constituídos por uma população de homens jovens e urbanos, ampliando-se para o meio rural apenas no final da década de 1990. Fonseca et al (2010), em uma análise complementar, ressalta que embora em proporção menor, na década de 1970 no meio urbano, as mulheres já partiam para “fazer a América”, enquanto no meio rural a emigração continuou sendo uma ação masculina. Para as autoras esse fato traz consequências diretas e indiretas nas representações familiares, bem como na sua organização social, uma vez que as mulheres que permanecem nas propriedades rurais vivenciam outras conjunturas de relações de gênero.

Cabe aqui ressaltar a importância dessa pesquisa, tendo em vista que a mesma traz uma abordagem inovadora e pouco estudada, ao propor a análise das migrações internacionais enquanto uma experiência vivida por aqueles que permanecem, ou melhor, por agricultoras familiares que permaneceram nas propriedades rurais. Observa-se que a maioria dos estudos sobre esse tema, apresenta uma abordagem sobre a origem desses fluxos, os impactos econômicos e sociais, mas sob o olhar daqueles que partiram. Portanto, esse estudo tem uma importante contribuição ao voltar-se para o local de origem da migração e procurar analisar as vivências daquelas que ficaram esperando por seus entes queridos.

Para o desenvolvimento da temática proposta, utilizou-se de uma abordagem qualitativa, voltada para a investigação do processo migratório por meio de entrevistas semiestruturadas com mulheres rurais que vivenciaram experiências migratórias internacionais no local de origem. Além disso, também foram coletados

dados junto a informantes-chave: pessoas que conheciam a realidade do município e representantes da sociedade civil e da agricultura familiar. Como técnica complementar, empregou-se a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica.

Portanto, o objetivo principal deste artigo é analisar as vivências migratórias das mulheres que permaneceram na agricultura familiar do município de Itapuranga. Mais especificamente, buscou-se verificar os fluxos e as trajetórias da emigração a partir das experiências pré-migratórias, migratórias, pós-migratórias e do retorno, priorizando as memórias e representações das mulheres rurais que vivenciaram a dinâmica migratória de seus familiares.

Gênero na migração internacional

O tema da migração internacional sob uma perspectiva de gênero não era uma questão relevante para os estudiosos até meados dos anos 80. Muito se escreveu sobre esses fluxos migratórios, principalmente, sobre as motivações, a partida, a viagem, o retorno e suas consequências. Entretanto, como em outros estudos, a variável “gênero” era majoritariamente invisível, mas com um pouco de reflexão, percebe-se um aumento da participação feminina, em vários sentidos, no fenômeno migratório. Neste sentido, Zlotnik (1998) ressalta que o número de mulheres migrantes no mundo aumentou 63%, saltando de 35 milhões para 57 milhões, entre 1965 e 1990, um crescimento equivalente a 8% a mais que o dos migrantes masculinos. Nos Estados Unidos, em 1998, 53,3% dos novos imigrantes eram mulheres.

A maior participação das mulheres nas migrações internacionais tem contribuído para incorporar a categoria gênero nas pesquisas sobre as migrações internacionais, rompendo com algumas visões cristalizadas sobre o papel desempenhado pelas mesmas no processo migratório. Dentre elas, a de que as mulheres apenas acompanhavam ou esperavam por seus maridos ou filhos (MOROKVASIK, 1984; BOYD, 1989; GRIECO e BOYD, 2001). Em uma análise complementar, Morokvasic (1984) afirma que as mulheres eram representadas de maneira estereotipada como “dependentes passivas”, ou seja, como aquelas que apenas seguem os homens.

Ainda segundo a referida autora, é interessante pontuar que esses trabalhos analisavam a migração internacional como predominantemente composta por trabalhadores homens, o que omite a presença das mulheres, não apenas como acompanhantes de seus cônjuges, mas também como força de trabalho. Para Assis (2003b), essas análises também não apreendiam a migração pelo viés de uma rede de relações sociais, na qual a participação das mulheres é de suma importância, sendo uma das justificativas para o englobamento das mulheres na categoria migrante sem distin-

ção de gênero, o fato do número de homens nos fluxos migratórios ser maior, o que concebia uma visão de uma migração caracterizada por homens jovens e solteiros, que migravam sozinhos em busca de melhores condições de vida. Esse cenário contribuiu para que as mulheres passassem despercebidas nos fluxos migratórios desde 1930.

Com nuances de similaridade, Donato (1992) afirma que, em 1930, a presença feminina entre os/as imigrantes para os Estados Unidos era muito significativa, chegando a somar mais de um milhão de todos (as) imigrantes no país, em 1979. Essa representatividade numérica, conforme Assis e Kosminsky (2007), contribuiu para questionar a invisibilidade das mulheres enquanto sujeito nos movimentos populacionais. É importante destacar que outro fator que explica a incorporação da categoria gênero nas pesquisas sobre migrações internacionais foi o feminismo acadêmico que, a partir da década de 60, levou as mulheres a se tornarem objeto de estudos (BILAC, 1995; KOSMINKY, 2004; SIMON, 1992). Desde então, as universidades passam a analisar as mulheres em diferentes contextos, sendo um deles o fluxo migratório (SIMON, 1992).

Os estudos de Martes (1999), Sales (1999), Sales e Reis (1999) contraporam a imagem da mulher migrante até então. Tais trabalhos demonstram que o fluxo de brasileiros para o Estados Unidos se manteve contínuo, no entanto, houve uma diversificação da população, conseqüentemente teve uma complexidade na caracterização dos atores migratórios, trazendo novos pontos de análise para a emigração. Nessa perspectiva, a partir dos anos 90, a mulher, torna-se uma categoria analítica do processo migratório, com diversas formas de abordagens significativas.

No investimento de demonstrar a importância da inclusão da variável gênero aos estudos migratórios, Pessar (1999) ressalta que quando o gênero é colocado no primeiro plano, então, uma gama de outros temas significativos surge, dentre eles o questionamento sobre as diferenças existentes entre a migração de homem e mulheres, desde a decisão do migrar até o retorno. Neste sentido, percebe-se que o recorte de gênero possibilita compreender a migração em suas múltiplas faces, principalmente, no que concerne a reconfiguração das relações familiares.

Em síntese, entende-se que a invisibilidade das mulheres nas análises sobre as migrações internacionais não se dá apenas no seu ocultamento nesse processo, mas também ao retratá-las como coadjuvantes, aferindo uma visão estereotipada às suas vivências migratórias. Dessa maneira, Kosminsky (2004) chama atenção para o fato de que as investigações apanhadas pelo discurso patriarcal negligenciam o fato da imigração ser vivenciada de maneira diferenciada por homens e mulheres, omitindo as percepções das mulheres imigrantes sobre as suas experiências.

Construção do projeto de emigrar

Constata-se, nos últimos anos, um expressivo crescimento nos fluxos migratórios de brasileiros que saem de sua terra natal para trabalharem em países de Primeiro Mundo em busca de melhores condições de vida para si e para a família. Geralmente, esses processos migratórios decorrem de um complexo conjunto relações sociais e de fatores motivacionais resultantes dos contextos socioeconômicos dos países de origem e dos países de destino, mas também podem estar associados a dimensões subjetivas que revelam diversas fases e faces do fenômeno migratório.

Para Velho (1999) e Siqueira (2009), o projeto migratório é familiar, sendo o mesmo construído a partir de uma rede de relações sociais, em que o retorno faz parte desse processo. A migração no município de Itapuranga compartilha dessa afirmativa, tendo em vista que as decisões de emigrar se deram por meio de informações e apoio de amigos, vizinhos, familiares e conhecidos que já estão no país para o qual querem migrar. Com nuances de similaridade, em sua análise sobre as redes familiares e pessoais na migração internacional, Boyd (1989) destaca que as redes podem ser compreendidas com um conjunto de conexões postas por relações sociais estabelecidas tanto no local de origem como no de destino. Para a autora, são estas redes que possibilitam ao emigrante a consolidação do projeto migratório.

Mas é interessante pontuar que as mulheres desempenham um papel fundamental nessas redes, tornando o projeto migratório possível, haja vista que são responsáveis pela manutenção das mesmas, principalmente, quando ocorre a migração de apenas um membro da família. Assim, cabe salientar que a participação das mulheres envolve todo o processo migratório, desde as decisões em migrar até o retorno.

Conforme alguns depoimentos levantados juntos as agricultoras familiares do município de Itapuranga, a decisão de migrar nem sempre foi do núcleo familiar, restando as mesmas apenas apoiar o cônjuge, os filhos ou os pais nessa jornada.

Ele comentou com nós na semana dele ir embora, já tinha arrumado tudinho. Aí, ele não queria que nós ficasse sabendo. Ele queria ir escondido. Ele ia contar só depois que tivesse lá. Aí, minha menina que mora aqui em Itapuranga descobriu, porque ele comentou com um cunhado dela que ia também, né? E ele comentou com o cunhado pra eles ir junto. Aí, o cunhado dela comentou com eles. E ela veio me falar, mas eles gosta de esconder mais as coisas do I. [pai], porque o I. [pai] é bem mais fraco do que eu.[risos]. Aí, o I. [pai] é bem mais fraco. Aí, eles tenta fazer esses tipo de coisa, esconder mais dele. Aí, a L. [filha] veio e me contou que o O. [filho] estava indo embora pra Portugal. (Fátima, 58 anos, filho migrou para Portugal).

Conforme o relato acima, observa-se que mesmo não fazendo parte do processo de decisão, a participação das mulheres é fundamental, pois o apoio emocional de mães, esposas e filhas torna esse movimento possível, tendo em vista que as mesmas também são responsáveis pela manutenção das redes sociais, quando os migrantes estão ausentes. Para Assis (2003b), nessas redes, as mães, as esposas, as irmãs e namoradas são essenciais, tendo em vista que as mesmas são responsáveis pela circulação das informações entre os membros das famílias. Ainda segundo a referida autora, o que se verifica tanto pelos que ficaram quanto por aqueles que partiram é que há uma busca por manter os laços dos emigrantes com seus familiares.

Na narrativa a seguir, a migração contou com o incentivo da própria mãe, que diante das dificuldades vividas pela família na área rural e pela falta de oportunidade de ascensão social, preferiu ver o filho ir embora em busca de melhores condições de vida, ainda que isso acarretasse o afastamento do convívio familiar e o luto da perda.

Na verdade eu dei até força pra poder ir, porque trabalhava demais e não conseguia nada, né? Porque é que nem nós estamos falando. Só plantava arroz, feijão e milho. Aí, na verdade aquilo vendia, tirava as despesas e não sobrava nada. Tornava de novo e trabalhava demais, porque ele estudava em Itapuranga, ia e voltava de bicicleta. Saía daqui cinco horas. Aí, dava fim de ano ia, na verdade até meio de ano, porque colheita é meio do ano, e colhia e vendia, quitava o que tinha de quitar, sobrava um dinheirinho, muito pouquinho. Ele tentou várias coisas. Ele tentou plantar lavoura de tomate e não deu certo. Ele tentou tirar madeira para os outros, comprou motosserra e não deu certo. Mexia com as lavouras, então, por falta de oportunidade mesmo no campo, ele resolveu ir embora. E eu dei força, porque lá pelo menos todo mês ele tinha o dinheiro dele, né? (Fátima, 58 anos, filho migrou para Portugal).

O sentimento de insegurança e a falta de perspectiva no campo estimularam e estimulam a migração, entretanto, à maneira como a família vivenciará o processo migratório tem relações diretas com o apoio familiar (PRADO, 2006). Assim, além dos fatos acima mencionados, nota-se que as vivências migratórias dessas mulheres são permeadas por uma rede (construção) de significados e sentimentos. É perceptível, por meio dos depoimentos, que a saudade, o medo, o luto migratório, a tristeza se fizeram presentes, mas o amor de mãe, esposa e filha sobrepôs às incertezas do projeto migratório, que mudou a vida não apenas dos que partiram, mas também das que aqui permaneceram. Neste contexto, para Batista (2010) os que “estão lá” interferem na vida dos que “estão aqui”. Assim, há uma conexão entre os que partem e os que ficam, ou seja, ambos se complementam e se entrelaçam, sendo um parte

contínua do outro. E compreender a subjetividade dessa relação possibilita entender melhor os tempos da migração.

Migração: a subjetividade da travessia

Levando em consideração a ordem cronológica dos fluxos migratórios, após o processo de tomada de decisão de migrar, inicia-se o momento de partida de maridos, filhos e pais das mulheres rurais. Perguntadas sobre como vivenciaram esse momento, as respostas se assemelham ao retratarem um momento de sofrimento e tristeza. Esse cenário vem de encontro ao construto teórico de Calvo (2006), ao afirmar que o processo migratório perpassa pelo “luto migratório”. Assim, segundo o referido autor, a migração envolve perdas sociais e psicológicas que vão levar a elaboração do luto migratório vivido tanto pelos que partem quanto por aqueles que ficam. Conforme os depoimentos, percebe-se que a partida é considerada um dos momentos mais difíceis do processo migratório.

Eu lembro da minha mãe fazendo a mala dele. Lembro que eu tava dormindo e ele foi lá. Aí, ela [filha] fingiu que não acordou e ele só deu um beijo nela e falou assim: “Eu não vou acordar”. E entrou nesse carro. E eu [esposa] não fui com ele para o aeroporto. Eu não quis ir, porque eu não quis ver sair. Ele foi chorando daqui lá. Meu cunhado que levou ele. Na hora que ele entrou no carro na porta de casa, eu [filha] levantei da cama e eu e minha mãe ficou olhando lá no portão. Portãozinho de grade assim. Foi muito difícil. Nossa, nessa época foi difícil demais! (Sirlene e Mariana, 44 e 19 anos, esposo e pai migrante para Portugal).

Ele [esposo] foi levar ele [filho] na escola e depois a gente foi levar ele no aeroporto. Nossa senhora! O dia que nós fomos levar, ele [filho] ficou aqui com a minha mãe. Foi só eu [esposa] e o primo do W. [amigo] que foi levar. Parece que o sol tava aquele trem esquisito, amarelo. Eu voltei chorando de lá de Goiânia até aqui. O primo do W. [amigo] falou assim: “Nossa senhora!” Ele só perguntou assim: “Você quer parar, tipo pra tomar água, sei lá?” Eu falei: “Não”. A única coisa que eu falei foi isso. Foi de lá aqui, nossa. (Helena, 36 anos, esposo migrou para os EUA).

Se você ver o dia que ele foi, que nós nunca tinha ficado longe. Aí, menina! Quando eu acordei de manhã que eu lembrei meu filho no outro lado do mundo [lágrimas]. Mais me deu um desespero, mais eu chorei de voz alta, viu? [choro] Ele viajou a noite inteira, né? Quando eu acordei que eu lembrei que meu filho tava do outro lado do mundo, minha filha do céu, mais eu fiquei desesperada. [choro]. (Maria José, 72 anos, dois filhos migraram para os EUA).

O fenômeno migratório internacional, no município de Itapuranga, é funda-

mentalmente de caráter ilegal, uma vez que os depoimentos relatam as angústias vividas pelos familiares diante das travessias clandestinas de seus entes queridos para países estrangeiros, principalmente, para os Estados Unidos. É interessante pontuar que, são anos e anos de tensão e medo, haja vista que muitos permanecem sem a documentação necessária, o que representa um risco de vida, prisão e deportação. A memória de Isaura é permeada por lembranças de desespero e medo, ao narrar a prisão e deportação do filho, que migrou de forma ilegal para Inglaterra.

A primeira vez e a segunda vez também foi ilegal. Agora, imagina você o desespero que fiquei. Olha, não tem explicação, sinceramente! Não sabia se eu pensava nele. Se ele ia ser deportado de verdade, né? Porque quando vem direto é melhor, mais que nem fica preso, que nem o nosso vizinho aqui do lado, seis meses preso. Aí, aquele desespero, eu sem dormi aqui. Aí, quando foi três horas da manhã, ele ligou pra M. [irmã] que já tava em São Paulo. Isso, como se diz, que me aliviou a tensão, aquele nervo todo, foi saber que já tava voltando mesmo. (Isaura, 54 anos, mãe de filho imigrado na Itália há 12 anos).

Conforme o relato supracitado acima, a não concretização da travessia por meio da apreensão e deportação dos entes gerou nas mulheres que ficaram sentimentos ambivalentes. O sentimento de preocupação, alívio e alegria tomaram conta de algumas mães, filhas e esposas que foram noticiadas da deportação de seu familiar. As expectativas foram ressignificadas à luz da possibilidade de ter novamente pais, filhos e esposos no convívio familiar.

A primeira vez que ele foi, voltou rapidinho. Foi num dia e voltou no outro. E eu [esposa] achei tão bom, né? [Risos]. Aí, minha cunhada ficou furiosa comigo porque eles tava assim torcendo demais que desse certo e eu torcendo demais que desse errado. [Risos]. E deu errado. Eu falei: “Nossa que alegria, amanhã meu marido está aqui”. (Sirlene, 44 anos, esposo migrou para Portugal).

Fica evidente neste relato que a esposa não estava adaptada com o sentimento de ausência do marido, pois ainda enfrentava o luto pela perda do companheiro e também não estava de acordo com a migração do mesmo. De acordo com Calvo (2006), é comum o luto migratório, entretanto dependendo das condições da migração, o mesmo pode ser elaborado de maneira simples ou complicada. Assim, as circunstâncias sociais e pessoais negativas dificultam a aceitação das perdas por parte da família.

Algo bastante presente ao longo das narrativas dessas mulheres, e que retratam o papel importante e fundamental dos migrantes em suas vidas, são algumas

frases simbólicas que expressam seus sentimentos e emoções no momento da partida: “Foi difícil, não foi fácil!”, “É doído!”, “Nossa, horrível!”, “Nossa, eu fiquei ruim!”, “Não é fácil, é ruim!”. Por meio desses breves relatos podemos perceber que o peso da ausência caracteriza as migrações internacionais, bem como o sentimento de saudade (OLIVEIRA; MENEZES, 2015).

Impactos da emigração na vida das mulheres

Assim como são inúmeros os motivos, as particularidades e os objetivos envolvidos nas migrações rurais, também são várias as consequências destas para os estabelecimentos e famílias rurais, principalmente para as mulheres que permanecem. Os principais problemas enfrentados pelas mulheres que ficam na propriedade rural, conforme os depoimentos colhidos, são: reestruturação do trabalho, (re) arranjos familiares e de gênero, renegociação de identidades, replanejamento do cotidiano, discriminações.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que as mulheres rurais que experimentaram a migração de seus esposos, pais e filhos, passaram por grandes transformações em suas vidas, principalmente, em suas identidades e no cotidiano, não sendo mais as mesmas. Em síntese, percebe-se que elas foram redefinindo suas posições nas diversas fases do trajeto migratório, mas sendo sempre fundamentais para a concretização do mesmo. Afinal, segundo Fonseca et al (2010), enquanto um projeto econômico e familiar, a migração institui uma conexão entre aqueles que partiram e os que ficaram, levando em consideração os atributos de gênero, ou seja, as mulheres são atores sociais desse processo, mesmo quando não opinam na partida dos cônjuges, pois as mesmas assumem a tarefa de administrar sozinhas a unidade familiar e a propriedade, o que torna possível a realização do movimento migratório.

Durante a permanência do esposo em Portugal, Sirlene teve que administrar os investimentos financeiros e também cuidar da filha pequena. O exemplo de Sirlene é interessante para compreendermos os rearranjos familiares da migração, em que a mulher se torna chefe de família, sendo responsável pela manutenção da propriedade e pelos processos de tomada de decisão.

Eu mantive certo tempo assim, se precisasse de alguma coisinha que não tivesse lá na fazenda, eu comprava no supermercado pra ela [filha], coisa de escola, essas coisa. Até ele [esposo] começar a ganhar. Quando ele começou a ganhar, ele passava o dinheiro. Esse dinheiro era sofrido. Eu ia receber esse dinheiro com tanta raiva no coração. [Risos]. Eu pensava assim: dinheiro mais maldito. Eu não abençoava esse

dinheiro, porque eu sabia o tanto que ele tava sofrendo pra ganhar esse dinheiro. Eu pegava esse dinheiro e ia nas primeiras pessoas que tal mês tinha que pagar fulano. Eu ia lá somava, se desse pra quitar, eu quitava. Eu chorava, eu falava pra eles: “oh, meu marido tem que vim embora, você não pode cobrar juro”. Era juro caríssimo, nessa época era juro de 7%, 8%.

É interessante salientar que o marido de Sirlene permaneceu dois anos em Portugal, deixando a filha pequena. Não possuíam propriedade, viviam em terra alugada. Além disso, deixou a esposa com uma dívida de R\$ 8.000,00, oriunda de empréstimos para financiar o projeto migratório e que deveria ser paga pela esposa com as remessas enviadas do exterior. A partir desses dados, pode-se afirmar que o fenômeno da emigração internacional reconfigura, territórios, coletividades e indivíduos (SAYAD, 1998).

Assis (2003a), em sua pesquisa sobre as trajetórias de emigrantes de Criciúma/SC, constatou que os homens que emigram, deixando para trás suas esposas, muitas vezes, confiam a estas a gestão do dinheiro que enviam para Brasil. Logo, muitas mulheres se tornaram empreendedoras no Brasil, levando a desconfiança de outros familiares e às vezes até do próprio marido.

Para além dos atributos econômicos e administrativos da propriedade familiar e de responsabilidade com os filhos, a migração dos companheiros impactou diretamente no cotidiano das esposas que permaneceram na propriedade rural. Os depoimentos mostram que essas mulheres tiveram que enfrentar o preconceito da sociedade local, tendo que provar o tempo todo que eram esposas honestas e comprometidas com seus cônjuges. Tiveram que aprender a conviver com os comentários maliciosos e olhares tortos, daqueles (as) que julgavam e condenavam-nas diante da ausência do esposo. Tal afirmativa ganha suporte no depoimento de Helena e Sirlene, ao relatar o período de ausência do companheiro:

Teve uma vez que uma amiga minha, eu tinha ido numa festa com o meu pai, negócio assim de carro, e essa amiga minha ela falou assim: “Eu tenho um que te contar uma coisa”. Eu: “O quê?” “Ah não, não vou falar não!”. Eu: “Fala!” “Tem um menino ali doidinho em você”. Ou, sabe quando você se sente um lixo? Foi eu! Eu senti assim a mais baixa, porque o homem tava com a mulher dele lá. Aí, eu falei: “Ah, então, ele tá dando recado, você fala pra ele que eu não sou da laia dele”. Ê menina! Aí, eu fiquei ruim e eu contei para o V.[esposo]. Ele: “Não tem nem base não”. Porque parece que é assim, parece que tem mulher que é casada e que já te olhava torto. Acho que elas achavam assim: aquela lá tá sem marido, quer pegar o meu, né? Eu acho que só pode! Tinha mulher que pensava assim. Lógico que tem gente que não. Nossa, tinha vez que me dava um trem ruim, mas é assim, né? Igual, eu nunca tive preconceito com nada, igual mulher separada. A gente só sabe da vida da gente, né?

Do resto você não sabe. Aí, você vai julgar a pessoa, eu não sou assim não. (Helena, 36 anos, esposo migrou para os EUA).

Então, eu não sabia sair sozinha, tanto é que teve um casamento de um primo meu, o J. P. né? Foi a primeira vez que eu sai de casa sozinha, pensa o tanto que eu chorava. [Risos]. O casamento todo chorando. Eu falei assim: “Eu vou embora”. [Risos]. E parece assim que as pessoas tava tudo olhando pra mim. E eu pensava: “Meu Deus do céu!” (Sirlene, 44 anos, esposo migrou para Portugal).

Nesse contexto migratório permeado por fofocas mediante a separação temporária do esposo, muitas vezes, as mulheres tiveram que lançar mão de arranjos alternativos de reordenação da moradia para evitar questionamentos sobre a integridade das mesmas. Como alternativa, as mulheres rurais de Itapuranga preferiram morar com suas mães ou com os pais do marido. De certa forma, é como se estes representassem a figura do marido ausente, trazendo respeito para o lar. A entrevistada Helena relata que ela e o filho se mudaram para a casa da mãe assim quando seu esposo partiu para os Estados Unidos.

Aí, eu tive que morar com a minha mãe. Mas com a minha mãe é tranquilo, sempre foi. Ela sempre foi de boa. Porque na época quando ele foi, um outro foi e aí, até que a mulher foi morar com a mãe dela. Ela tinha um menino também. Aí, ela não deu certo. Ela morou com a mãe dela não foi nem um mês. Aí, teve que morar só. Mas eu e a minha mãe é de boa.

Nesse mesmo raciocínio, conforme Machado (2010), ao estudar as reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares/MG, devido a suspeita constante sobre as viúvas de marido ausente, essas mulheres preferem morar na propriedade dos sogros ou ainda trazer as mães para dentro de casa, para manterem-se conscientemente sob precaução. Segundo o referido autor, essa submissão voluntária aos mecanismos de legitimação do comportamento feminino é uma forma de reafirmar o comprometimento com o projeto migratório familiar.

De uma maneira ou de outra, desde o momento da partida, os motivos da migração, a permanência ou o retorno, percebe-se que a mulher é um dos elementos estruturantes da migração. Além dos cuidados com os filhos e com a gestão da propriedade, elas também dão apoio emocional durante a ausência, alimentando os laços afetivos e familiares. Esposas, mães, filhas, irmãs reproduzem, por meio de cartas, fotos, telefonemas, e-mails, o cotidiano da família, possibilitando ao migrante participar da vida familiar mesmo distante.

Ah! Escrevia tudo. Contava tudo que acontecia na semana. Eu contava que eu tava

sentindo muito a falta dele, que não sabia se ia aguenta esperar. Aí, ele respondia que muitas vezes dava vontade de vir embora, que era o mais difícil. Quando ele tava trabalhando, dizia ele que tava bom, mas quando chegava em casa e os finais de semana era terrível, porque final de semana não tinha nada pra fazer. Aí, ele ficava quieto assim e lembrando daquilo, né? O que eu tava fazendo, o que ele poderia tá fazendo com a gente, que geralmente, toda vida, final de semana é hora de você assar uma carniinha. Essas coisas, né? Aí, ele ficava lembrando. “Almoçar com a vovó, franguinho”. Aí, ele escrevia isso. Falava isso pra mim. (Sirlene, 44 anos, esposo migrou para Portugal).

Aí, teve um dia que no meu primeiro aniversário depois que ele foi, eu tinha feito um bolo, foi e levou lá pra roça e chamou meus primos. Aí, eu tirei uma foto assim entregando um pedaço de bolo pra ele e mandei como se eu tivesse entregando pra ele. Eu tenho até a foto ali até hoje. Aí, eu mandei essa, foi no meu aniversário de nove anos. (Mariana, 19 anos, pai migrou para Portugal).

Quando ele liga, pra você ter uma noção a gente fica duas, três horas no celular. Eu falo tudo, até quando nasce um pintinho aqui na roça [risos], eu conto pra ele. E ele procura tudo, tudo, dos vizinhos, dos amigos. (Isaura, 54 anos, filho migrou para a Itália).

Com nuances de similaridade, Assis (1999) afirma que as cartas, telefonemas, fotos e a internet mantém o contato entre os emigrantes e aqueles que permanecem no Brasil, reforçando a ideia da imigração enquanto um projeto familiar, econômico e afetivo. Neste sentido, embora distantes geograficamente, as relações familiares não sofreram tanto prejuízos, pois os recursos de comunicação disponíveis facilitaram a manutenção do contato. Assim, observa-se que o ato de migrar e o tempo de ausência não foram capazes de romper definitivamente as relações de afeto entre as mulheres e os migrantes. Logo, retornar anos depois representou o reestabelecimento dos elos afetivos alimentados pelas cartas, e-mails, webcam e pelas lembranças daqueles que mesmo ausentes continuaram presentes no imaginário dessas mulheres, que esperavam cotidianamente pelo momento do reencontro.

A configuração do retorno

No município de Itapuranga, o processo migratório pode ser considerado como uma estratégia de reprodução social vivenciada pelas famílias de agricultores familiares, principalmente a migração temporária para as terras de além mar. Para Martins (1987: 45) “migrante temporário é aquele que vai e volta e o processo social que ele vive é o de sair e retornar”. Neste sentido, entendemos a migração como um

processo social, em que partir e ficar são ações conjuntas que se encontram unidas no tempo e separadas no espaço. Assim, não só o ato de migrar, como também, o próprio retorno transforma o migrante, mas também os que permanecem no local de origem.

Nesta perspectiva, segundo Martins (1986), no retorno o migrante já não é mais o mesmo, há um processo de ruptura de modos e costumes, transformando sua forma de ver o mundo, mas há também uma modificação na vida dos que ficaram no lugar de origem. Ao serem questionadas sobre o retorno de seus familiares para Itapuranga, observou-se que as mulheres rurais apontaram como principal fator motivacional a família, sendo elas determinantes nessa tomada de decisão. “Eu não quero que você fica aí mais nenhum dia” diz Sirlene (44 anos, esposo migrou para Portugal) em seu relato sobre os motivos de retorno.

Campos, Assis e Siqueira (2010), em sua pesquisa sobre as redes sociais no processo migratório para os Estados Unidos, também compartilha a ideia que aqueles que permanecem no país origem são muito importantes para a manutenção dos laços afetivos. Para estes autores, os que ficaram na terra natal também são fundamentais no projeto de retorno, especialmente, a família. Entretanto, Siqueira (2008) retrata que o retorno é caracterizado pelo estranhamento. A expectativa do emigrante é encontrar o mesmo local e as mesmas pessoas que deixou no momento da partida; porém, quando chegam muita coisa mudou, inclusive os filhos, amigos, vizinhos e parentes. Mas como afirma Sayad (1998) é possível voltar ao ponto geográfico da partida, mas é impossível retornar ao tempo da partida.

Cabe aqui ressaltar, que a partir das entrevistadas de Itapuranga, percebe-se que o estranhamento é sentido não apenas pelo emigrante, como também por aqueles que aqui ficaram. O depoimento de Helena confirma a dificuldade que encontrou em organizar sua vida social e familiar junto ao esposo retornado: “[...] É ruim também porque você acostuma. Igual a pessoa não tá, né? Aí, a hora que chega aí é outra coisa, é adaptar de novo. Porque aí você acostuma, né? É horrível, mas aí você acostumou a ficar só, a não ser cobrada”.

Diante desse relato, também é possível ponderar que com a migração de seus entes as fronteiras dos relacionamentos foram ampliadas e mesmo com o retorno para a terra natal as relações serão modificadas, o que ganha respaldo com Calvo (2006), segundo o qual ao retornar para seu lugar de origem, a pessoa/família enfrenta uma nova migração, e conseqüentemente uma nova reestruturação das redes. Como sintetizado no estudo de Sayad (2000), ao analisar a migração por meio dos processos de mudança de identidades e comunidades, não existe um verdadeiro retorno, nem para o estado anterior como pessoa, nem para o lugar original e nem

para o grupo do qual partiu, esses deixaram de existir no ato da migração, porém o imaginar desta possibilidade exerce forte influência na produção de identidades.

Em síntese, as experiências vividas pelas mulheres rurais no município de Itapuranga nos traz uma questão instigante, o projeto migratório possibilitou a reconstrução das relações familiares e a renegociação de identidades de gênero, afinal durante a espera pelo retorno de seus familiares, essas mulheres tiveram que percorrer caminhos e espaços até então tidos como masculinos. Além de aprender a arte de negociar e empreender. Assim, essas vivências possibilitaram um empoderamento da mulher rural, que antes da migração, exercia apenas os papéis de mãe e dona de casa, se descobrindo agora capazes de ocupar novas funções, inclusive no âmbito familiar.

Considerações finais

Diante do exposto, conclui-se que a migração masculina no município de Itapuranga trouxe implicações diretas e indiretas, principalmente, para as mulheres que permaneceram no meio rural, que passaram a assumir as atribuições e tarefas daqueles que partiram. Percebeu-se que as mulheres são fundamentais no projeto migratório familiar, compondo as redes de relações sociais que possibilitam a concretização do sonho de emigrar e melhorar as condições de vida. Nessa perspectiva, observou-se que as mesmas se fazem presentes nas diversas fases do processo migratório, desde o momento da decisão até o retorno dos familiares emigrados. No entanto, nem sempre a construção do projeto migratório, inicialmente, é compartilhada com as mulheres, que não participam da tomada de decisão, sendo comunicadas quando isso já está concretizado.

Nesse sentido, pode se observar que diante da necessidade de assumir novos papéis e tarefas no âmbito familiar, essas mulheres vivenciaram experiências que, às vezes imperceptíveis aos seus olhos, mudaram suas vidas, levando-as a lugares antes inabitados pelo gênero feminino, como os espaços públicos e sociais. Antes da migração, as mulheres rurais exerciam o papel de mãe, esposa e dona de casa e ao serem inseridas nos fluxos internacionais, assumiram a função de chefe de família, pai, mãe, empreendedora, gestora e esposa. Em síntese, percebe que a inserção das mulheres que ficam enquanto uma categoria analítica dos fluxos internacionais ressalta a construção de novas identidades de gênero, caracterizada pela autonomia e empoderamento dessas mulheres.

Neste novo espaço, conquistaram uma autonomia decisória frente ao gerenciamento da unidade familiar, além de uma independência de tempo e espaço

diante da ausência, principalmente, de seus companheiros. Logo, o retorno é sempre marcado por um estranhamento, tanto para quem parte como para quem fica, pois muita coisa mudou. E essas mudanças não estão relacionadas apenas ao espaço geográfico, como também as pessoas, exigindo a reconstrução de novas relações de gênero, afinal, às mulheres rurais que ficaram já não são mais as mesmas. Assim, o processo migratório promove rupturas de laços, causa dor, mas também possibilita a (re) construção de identidades, (re) arranjos familiares e a realização de sonhos. As mulheres rurais de Itapuranga mostraram as particularidades das suas vivências da migração internacional de seus familiares, descobrindo novos espaços até então desconhecidos pelo gênero feminino.

Sabemos que a temática das relações de gênero na migração internacional enquanto uma experiência vivida por quem fica não se esgota aqui. Assim, ressaltamos a necessidade de novos estudos para possibilitar uma maior visibilidade às experiências migratórias femininas em suas diversas perspectivas analíticas, que por muito tempo estiveram omissas na história das migrações.

Referências Bibliográficas

ASSIS, G. O. Estar aqui... Estar lá: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA. In: SALES, T.; REIS, R. R. (Orgs.). *Cenas de um Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ASSIS, G. O. Estar Aqui... Estar Lá... Uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. *Textos Nepo*, 41. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2002.

ASSIS, G. O. Os novos migrantes de Criciúma para os EUA e os rearranjos familiares e de gênero. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXII, 2003, João Pessoa/PA. Anais... João Pessoa/PA: ANPUH, 2003 a. p.1-11.

ASSIS, G. O: De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração. *Campos*, Curitiba, v. 3, p. 31- 49, 2003b.

ASSIS, G.; KOSMINSKY, E. Gênero e migrações contemporâneas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.15, n. 3, p. 695-697, 2007.

BATISTA, E. H. A. *Povos de Santana: condições de vida e mobilidade espacial no Norte do estado de Minas Gerais*. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

BILAC, E. D. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, N. L. (Co-

ord.). *Emigração e imigrações internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Funes, 1995. p. 65-77.

BOYD, M. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. *International Migration Review*, v. 23, n.3, p. 638-670, 1989.

CALVO, V. G. El duelo Migratório. *Revista Del Departamento de Trabajo Social*, Colombia, n. 7, p. 77-97, 2006.

CAMPOS, E. C.; ASSIS, G. O.; SIQUEIRA, S. As redes sociais na configuração da migração internacional para os Estados Unidos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, XXXIV, 2010, Caxambú/MG. Anais... Caxambú/MG, 2010. p. 1-28.

DONATO, K. M. Understanding U. S. Immigration: why some countries send women and others send men. In: GABACCIA, D. (ed.), *Seeking Common Ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Connecticut/ London: Praeger, 1992.

FONSECA, M. C. et al. Divisão sexual do trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de emigração masculina. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, XVII, 2010, Caxambú/MG. Anais... Caxambú/MG, 2010. p.1-16.

GRIECO, E. M.; BOYD, M. Women and Migration: incorporating gender into international migration theory. In: WORKING PAPER, Florida State University College of Social Sciences, Center for the Study of Population, 2001. wps. 98-139.

KOSMINSKY, E. Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. *Cadernos Pagu*, v. 23, p. 279-328, 2004.

MACHADO, I. J. R. Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 5-26, fev. 2010. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/140>; DOI: 10.4000/etnografica. 140. Acesso em: 14 out. 2019.

MARGOLIS, M. L. *Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York City*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

MARTES, A. C. B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTINS, J. S. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

MOROKVASIC, M. Birds of passage are also women. *The International Migration Review*, v. 18, nº 4, p. 886-907, 1984.

OLIVEIRA, A. C.; MENEZES, M.A. O sentimento de ausência entre migrantes internos e internacionais. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL, XI, 2015, Niterói/RJ. Anais... Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 2015. p.1 -11.

OLIVEIRA, F. S. *Migrações rurais e agricultura familiar: vivências de familiares de Itapuranga/GO*. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, 2015.

PESSAR, P. R. The Role of Gender, Households, and Social Networks in the Migration Process: A Review and Appraisal. In: HIRSCHMAN, C.; KASINITZ, P.; DEWIND, J. (Eds.). *The Handbook of International Migration: The American Experience*. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 53-70.

PRADO, A. E. F. A. *Família em Trânsito: tecendo redes sociais*. 2006. Dissertação (Mestrado)- Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínic, 2006.

SALES, T. Imigrantes Estrangeiros, Imigrantes Brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para pesquisa. *Revista Brasileira de Estudos de População*, n. 9 v.1, p. 50-64, 1992.

SALES, T. Identidade Étnica entre Imigrantes Brasileiros na Região de Boston. In: R. Reis e T. Sales (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v. 13, n. Esp., p. 7-32, jan. 2000.

SIMON, R. J. Sociology and Immigrant Women. In: GABACCIA, D. (org.). *Seeking Common Ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Connecticut/London: Praeger, 1992. p.23-40.

SIQUEIRA, S. Migracion y las distintas formas de retorno al suelo natal. Uma perspectiva transnacional. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL NUEVOS RETOS DEL TRANSNACIONALISMO EN EL ESTUDIO DE LAS MIGRACIONES, 2008.

SIQUEIRA, Sueli. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno*. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ZLOTNIK, H. International Migration 1965-96: an overview. *Population and Development Review*, v. 24, n.3, p. 429-468, 1998.

Artigo recebido em 29/10/2019, aprovado em 07/11/2019.